



CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

MAYARA DE OLIVEIRA MENDES

**REFLEXÕES SOBRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM
NO PROCESSO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

GUARABIRA – PB
2014

MAYARA DE OLIVEIRA MENDES

**REFLEXÕES SOBRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM
NO PROCESSO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Relatório de Estágio Supervisionado
apresentado ao Curso de Licenciatura em
História da Universidade Estadual da
Paraíba – UEPB – Campus III, para a
obtenção do grau de Licenciatura Plena
em História.

Orientadora: Profa. Dra. Marisa T. Teruya

GUARABIRA – PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M538r Mendes, Mayara de Oliveira
Reflexões sobre o ensino e a aprendizagem no processo do
estágio supervisionado [manuscrito] : / Mayara de Oliveira Mendes. -
2014.
26 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Marisa Taira Teruya, Departamento de História".

1. Estágio supervisionado. 2. Memorial escolar 3. Oficina. I.
Título.

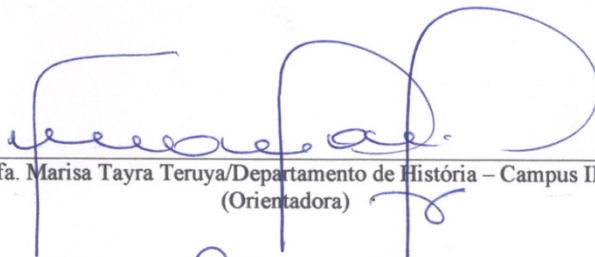
21. ed. CDD 981

MAYARA DE OLIVEIRA MENDES

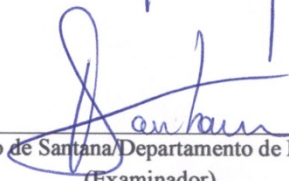
**REFLEXÕES SOBRE O ENSINO E A APRENDIZAGEM
NO PROCESSO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Aprovada em 11 / março/2014

BANCA EXAMINADORA



Profa. Marisa Tayra Teruya/Departamento de História – Campus III
(Orientadora)



Prof. Flavio Carreiro de Santana/Departamento de História – Campus III
(Examinador)



Prof. Martinho Guedes dos Santos Neto/Departamento de História – Campus III
(Examinador)

Dedico este trabalho à minha família, que sempre acreditou em mim e me favoreceu positivamente, em todos os momentos do curso.

Reconheço todo o apoio que me foi destinado em toda a minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois foi meu alicerce em todos os momentos.

Aos meus pais por todo o apoio e incentivo de sempre.

Ao meu esposo Levi Ramos, por seu carinho e paciência.

A todos os meus amigos, que não mediram esforços para que eu chegasse até esta etapa tão importante de minha vida.

À professora Marisa Tayra Teruya, pela paciência e compreensão na orientação, sempre nos estimulando para que se tornasse possível a conclusão deste trabalho de conclusão de curso.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) consiste no Relatório de Estágio Supervisionado apresentado ao componente Estágio Supervisionado Obrigatório II, cursado no período letivo 2013, turno tarde, no Curso de Licenciatura em História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba. Esta estruturado em duas partes principais: a primeira, que apresenta o memorial escolar e que busca reconstruir nossa trajetória, de aluna a professora, e a segunda parte constitui o relato das atividades descritas no período do estágio, que aconteceram nas escolas EMEFM Olivio Maroja, na comunidade Violeta, Assentamento Maria Preta, zona rural de Araçagi (PB) e EMEF Sebastião Bezerra Bastos, localizada no Sítio Piripiri, na zona rural da cidade de Guarabira (PB), no segundo semestre de 2013..

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Memorial Escolar; Oficinas.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	vi
RESUMO.....	vii
INTRODUÇÃO	1
PARTE UM. Memorial	3
PARTE DOIS. RELATORIO DE ESTÁGIO	8
2.1 - Fase de observação: Oficinas temáticas.....	8
Planejamento da oficina	9
A Escola Olivio Maroja, campo de estágio	10
A hora da oficina	11
2.2 - Fase da regência: aulas.....	13
A escola campo de estágio de regência	14
Aulas ministradas	15
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	26

INTRODUÇÃO

Após o retorno das atividades acadêmica, após a longa greve docente ocorrida durante o primeiro semestre de 2013, as aulas de Estágio Supervisionado Obrigatório (ESO) foram envolvidas por leituras e discussões a respeito do processo de ensino e aprendizagem, relação professor-aluno em sala de aula e uma reflexão sobre nossa trajetória escolar.

A partir das leituras feitas dos textos e diálogos em sala de aula, traçamos alguns objetivos para o estágio, e entre eles, a tentativa de trabalhar com o conhecimento prévio dos alunos, o exercício de perceber as mudanças e permanências históricas, entre outros, como o de tentar estabelecer pontos de observação entre nossa própria história e a de nossos alunos, e para isso serviria a escrita do memorial.

Este trabalho consiste no relatório de atividades desenvolvidas durante o ano de 2013, no componente Estágio Obrigatório, ministrado pela professora Marisa Tayra, e consiste em duas partes principais.

A primeira parte é o memorial escolar, onde narramos nossa própria trajetória escolar, e a segunda, o relato do estágio. A segunda parte constitui o relatório das atividades do estágio supervisionado.

No caso, o estágio foi dividido em duas partes: a de observação participante, que ocorreu em agosto, na EMEFM Olivio Maroja, na comunidade Violeta, Assentamento Maria Preta, zona rural de Araçagi (PB), a convite da colega de turma Renata Gonçalves que reside próximo às imediações do assentamento e possui toda uma história de vida de superação naquela comunidade, foi uma das principais mediadoras para a realização das oficinas.

A outra fase do estágio foi a de regência, que aconteceu em setembro, na EMEF Sebastião Bezerra Bastos, localizada no Distrito do Piripiri da cidade de Guarabira. Apesar de nunca ter estudado nessa escola, pois já ministrara aulas para Jovens e adultos durante um período naquela comunidade, tenho boas lembranças de alunos que me ensinaram a olhar a vida de uma forma mais pura e singela. Retornei pois ao colégio, agora ministrando aulas ao Ensino Fundamental II.

Ao longo não só do componente Estágio Supervisionado II, mas no decorrer do curso de História, foi possível analisar vários estudiosos da área de ensino e aprendizagem que se preocupam com a maneira que os professores estão levando os conteúdos para serem repassados para os alunos. Considerando essa reflexão, No artigo *“Porque os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre o ensino, aprendizagem e formação de professores de História”* de Flávia Caimi (2006), deixa bem evidente a questão da importância de um professor reflexivo e investigador da sua prática e dos contextos escolares.

O ensino hoje é uma busca constante de troca de valores onde alunos e professores devem estar conectados uns com os outros para fluírem e conquistar o conhecimento. Todo o esforço por uma educação melhor vale muito a pena.

PARTE UM. Memorial

O presente memorial consiste num exercício do componente Estágio Supervisionado Obrigatório do Curso de Licenciatura em História (CH/UEPB), e tem por finalidade descrever a minha trajetória educacional, destacando os momentos que marcaram a minha vida como aluna e como pessoa, das atividades que desenvolvi durante esse percurso e da importância da educação na minha vida, e o quanto me acrescentou na questão profissional e nas atividades que realizo atualmente. O estudo e a educação são considerados uma base fundamental na vida de qualquer pessoa, o saber é uma riqueza, algo que deve ser valorizado e principalmente compartilhado. E de todas as etapas, trago comigo algum ensinamento.

Nascida na cidade de Guarabira, sou filha de comerciantes, sempre muito cobrada e incentivada pelos meus pais no que equivale aos estudos. Minha família é humilde e muito simples, e um coração e generosidade inigualáveis.

Meu primeiro contato com um ambiente escolar foi aos 3 anos em uma pequena escolinha da cidade, chamada “Pingo de Gente”, um nome propício. Acredito que fora eu, os únicos alunos eram os filhos da dona. Nessa escolinha passei 2 anos de muitas brincadeiras e diversão, recordo que toda sexta-feira tinha uma atividade com direito a ganhar presente no final, e o interessante é que sempre eram os mesmos brinquedos que tinha em casa, ou seja, minha mãe levava todas as sextas, e eu sempre fingia que acreditava.

Iniciei finalmente a alfabetização e estudei até a 2ª série do primário na Escola Externato Menino Jesus. Confesso minha emoção ao recordar dos singelos e marcantes momentos vivenciados por mim nesta escola, dos puxões de orelha, quase sempre, das “briguinhas” para ser a *Power Ranger*¹ rosa, a noiva na quadrilha ou a namoradina do menino mais bonito ou mais conhecido.

O que chamamos hoje de *bulling* acontecia freqüentemente comigo, isso me entristecia e de alguma forma me tirava a atenção dos estudos. Era chamada de “cabelo de bruxa”, “espeta caju” entre outros, e isso me retraía muito. Mas de alguma forma levo esses momentos como uma superação, pois apesar de tudo eu sempre

¹ Um personagem de uma série de televisão chamado Power Rangers.

conseguia ser a noiva da quadrilha, a *Power Ranger* rosa e ainda consegui dar uns beijinhos no menino mais bonito.

Nessa escola, se trabalhava muito a questão comportamental, recordo-me da seriedade e exigência das professoras. Fui alfabetizada por “Tia Roseane” que com muita paciência foi uma das responsáveis por me tornar um ser humano com mais bom senso nas minhas escolhas e atitudes. Meus pais e principalmente minha mãe nessa época era mais presentes no colégio.

Ao final da minha 2ª série, o colégio passava por problemas e veio a fechar. Fui então matriculada em um educandário, distante de minha casa, novas pessoas, um novo desafio estava por vir. A 3ª série foi simplesmente aterrorizante. Recordo de poucos momentos, talvez seja porque eu não tenha vivido de uma forma prazerosa. Lembro que fazia muitas cópias de textos, e que essa era quase a única atividade proposta pela professora regente. Acostumada com meus antigos amigos, demorei a me acostumar com as outras crianças, todo dia era uma lamentação. Meus pais já não participavam efetivamente das reuniões escolares. Com o tempo minha mãe ficou ausente e não me autorizava a ir às viagens, a participar das comemorações, mas entendo, seja por questão financeira ou até mesmo receosa pelo o meu comportamento de chegar em casa todos os dias reclamando de agressões ou professoras impacientes.

Após 3 passagens por colégios particulares, minha mãe resolveu me matricular em uma escola pública próxima da minha residência, o Colégio Antenor Navarro, muito antigo na cidade, algumas pessoas falavam da violência no colégio, outras falavam do ensino, por incrível que pareça, foi o melhor colégio que já estudei em toda minha vida, que pena que só durou 1 ano, me tornei muito mais independente, atividade lúdicas, atividades extra-classe. Cantar o Hino Nacional pela primeira vez para mim foi motivo de emoção, e era obrigação todos os dias. Professoras disciplinadas e exigentes, comecei a participar de atividades físicas, a ter aulas de reforço, tive que conquistar aqueles meninos e meninas de amigas mais antigas, me incluir nas conversas e nos grupos de trabalhos.

Posteriormente fui matriculada em outra colégio público agora Municipal, o Dom Helder Câmara, para poder estudar parte do ensino fundamental 2, do 5º ao 7º ano antigo. Tomei um choque com a quantidade de professores, me interessei sempre tirar boas notas, turmas complexas, com muitos alunos repetentes. Me interessei pela disciplina de História, o professor Genes era sempre muito atencioso e explicava com muita dedicação os assuntos. Fiz muitas amigas, conheci pessoas maravilhosas,

percebi realmente o valor das coisas, nunca tinha dinheiro para comprar o lanche completo no recreio, e só comprava o salgado, pois não tinha dinheiro para o refrigerante. Não era a única, tinha muitas e muitas pessoas em condições piores que a minha, não tenho do que me lamentar. Podia perceber o sofrimento que os meus colegas passavam para chegar até o colégio, muitos da zona rural da cidade.

Essa época também foi de muita rebeldia, lembro dos momentos em que imitava os professores em sala, nos gestos e maneira de falar todos com suas peculiaridades. Foram 3 anos de muitos aprendizados, o convívio com aqueles colegas tão simples e ao mesmo tempo tão ricos, me ensinaram a olhar a vida com outros olhos.

Retornei à escola particular, ao Executivo, minha avó fez um esforço, me matriculou nesta escola, estudei ali durante 4 anos, da 8ª ao 3º ano do Ensino Médio. A 8ª série foi um ano muito conturbado, beirando os meus 15 anos, era tudo uma novidade, aqueles colegas, aquelas salas climatizadas, novas disciplinas, o ensino mais rigoroso, tudo novo. Tenho lembranças positivas e negativas dessa escola. No primeiro ano que estudei, tive a leve impressão que retornei ao jardim de infância com aqueles apelidos horrorosos, a sala repleta de adolescentes que não queriam nada com a vida, a não ser perturbar a sala de aula. Me considerava esforçada naquela época, mas com o tempo fui desgostando até de ir ao colégio e ver aquelas mesmas pessoas, momento de desinteresse, totalmente desestimulada. Na primeira aula de “Química”, me interessei pela beleza do professor, Nossa! Ele, numa brincadeira, dava demonstrações de perfis de professores, e um deles era o professor Ninja, e para representa-lo, jogou aleatoriamente o pincel que estava em sua mão e caiu justamente em minha cabeça, motivo de risadas para a turma, momento de dor e ao mesmo tempo de dúvida para mim, a pensar que ele tinha feito aquilo propositalmente para chamar minha atenção, pensei que estivesse interessado por mim. Pronto, já estava encantada no primeiro contato.

O início do 1º ano do ensino médio, recordo da correria para a o PSS, Processo Seletivo Seriado, onde a escola cobrava sempre uma boa nota dos alunos. Acabei não fazendo, e me arrependo muito de não ter feito, a maioria dos meus colegas fizeram e se deram bem. No 2º ano, já não existiam brincadeiras e percebia mais compromisso nas nossas vidas. Participava efetivamente das aulas, sentava um pouco mais na frente e não tirava a minha atenção para conversas paralelas. Conquistei amizades sinceras que carrego até hoje comigo, e recordo de uma equipe de professores excelente.

Início agora alguns relatos da minha vida acadêmica, nesse percurso de 4 anos, muitos aprendizados marcam essa trajetória. No ano de 2009, me interessei a fazer o vestibular para o curso de História, por gostar da disciplina na escola, ser a que eu mais me identificava entre os demais cursos oferecidos. Fui aprovada, começaram as aulas, e carregava toda uma expectativa de como seria o ambiente acadêmico. Conheci alguns colegas de turma quando fizemos a prova do vestibular, coincidência ou não, a maioria ficou na mesma sala. No primeiro dia de aula lembro que o professor Waldeci Chagas, hoje diretor do campus, nos deu as boas vindas, fizemos um círculo e fomos indagados de uma forma franca a responder o motivo de termos escolhido o curso de História. Essa pergunta é feita até hoje pelos mestres.

O primeiro período foi marcado por dúvidas, incertezas, será que é a docência a profissão que quero seguir e me dedicar? Será que tenho vocação? Tínhamos que saber naquele momento se era realmente aquilo que queríamos; uns só chegaram a frequentar alguns dias de aula, outros desistiram no meio do caminho, e outros como eu, estão concluindo o curso.

Os períodos foram de muitos aprendizados, tanto nas áreas teórica quanto na de prática, com professores que auxiliaram a estimular o gosto pela leitura e pela prática de falar em público. As participações nas aulas eram cada vez mais frequentes e cobradas. Os seminários eram avaliados rigorosamente por alguns professores, isso levava também ao nervosismo, trabalhos em grupos eram frequentes (o meu grupo era sempre o mesmo), caprichava nos slides e esquecia do conteúdo, quase sempre era assim. Não tem sensação melhor para o aluno, do que ser valorizado como tal, por mais simples que seja a sua fala, ou a sua escrita, um elogio e reconhecimento do trabalho, não tem preço, estimula.

Foram várias as aventuras vivenciadas na Universidade, sempre tive muita afinidade com Renata dos Santos, que sempre foi muito parceira. Juntas pedíamos carona, éramos expulsas dos ônibus, corríamos para poder alcançar os ônibus e os motoristas aceleravam bruscamente como se fossemos invisíveis, caronas com pessoas embriagadas, outros aceleravam o carro quando colocávamos apenas uma perna dentro do carro e a outra fora, enfim.

Recordo das aulas da professora Elisa, e em suas aulas, sempre tinha alguns enigmas que nos exigiam pensar nas respostas. A professora Naiara, meiga nas suas “Histórias Antigas”, que nos envolviam. Joedna e suas sensibilidades, aprendi a pensar fragmentadamente, a história do amor e do medo me comoveu. Professor Thiago e suas

“Lutas de Classe e mais valia”, me sinto moderna com suas histórias. Professora Marisa, com sua atenção e carisma nas aulas de estágio, teve um papel fundamental no último ano de curso, aprendi a ser persistente e nunca desistir. Também cheguei a ser criticada na presença dos outros colegas de turma, por um professor, que criticou uma apresentação de seminário, tendo ignorado as imagens dos slides e a estrutura do trabalho por completo, aquilo me tocou tanto que saí aos prantos da sala, antes mesmo dele concluir seu ponto de vista, achei desnecessário, e tive apoio de todos os meus amigos.

Durante o turno da tarde estudei por dois anos, até conseguir um trabalho e ter que estudar no turno da noite, apesar da mudança meu rendimento permaneceu regular.

No último ano de curso retornei para o período da tarde, poucas aulas, trabalhei o mês de junho durante o período noturno para poder sair durante as quartas e sextas – feiras para a Universidade, às vezes chegando atrasada, mas o que importa é que todo sacrifício foi e está sendo válido. É gratificante você olhar para trás e ver que valeu a pena cada momento. Essa está sendo a primeira de muitas etapas que pretendo cumprir na minha vida, a felicidade é contagiante, e ao mesmo tempo já bate a saudade daqueles que muito contribuíram nessa minha jornada.

Esse relato foi elaborado de uma forma simples, os meus dedos digitaram o que o meu coração estava pedindo, minha memória é falha, talvez possa ter esquecido de algum momento, ou de alguém, mas foi o que de mais importante lembrei, o que de mais valioso ficou em minha memória.

PARTE DOIS. RELATORIO DE ESTÁGIO

Esta parte trata do relato das atividades desenvolvidas no período do Estágio Supervisionado Obrigatório II, realizado ao longo do ano de 2013. O estágio teve a duração de dois semestres letivos e foi dividido em duas partes. A primeira, de observação do ambiente escolar, foi realizada em forma de oficinas, e foi vivida na EMEF Olivio Maroja, na comunidade Violeta, Assentamento Maria Preta, no município de Araçagi (PB), vizinho ao município de Guarabira (PB). A segunda parte, da regência, individual, foi realizada na própria cidade de Guarabira, na Escola localizada na Zona Rural, no Distrito do Piripiri na Escola Municipal Sebastião Bezerra Bastos,

2.1 - Fase de observação: Oficinas temáticas

As oficinas substituem as aulas de observação de regência, tornando a tarefa de contato com a realidade escolar uma atividade mais dinâmica. Relato a seguir esta experiência de forma cronológica, desde o planejamento até a execução.

Nesta vivência, partimos das preocupações e anseios de nossa colega Renata Gonçalves, que comentava nas aulas de ESO, das dificuldades de uma escola rural, em área de assentamento, onde também funcionava o ensino fundamental 2 e o ensino médio. Ela mesmo havia sido aluna nesta escola e falava da falta de estímulo dos alunos do ensino médio em prosseguir nos estudos, ora por falta de estímulos, de informações ou de perspectivas. Sendo assim, pensamos em focar a realidade local para elaborarmos nossas oficinas, e a grande preocupação era aprendermos a trabalhar com o conhecimento prévio dos alunos, conforme ressaltam os parâmetros curriculares e muitos autores.

Tais fatores nos influenciaram a ministrar a oficina com as perspectivas de novos olhares, novas realizações. Sendo assim, como educadores nos colocamos como sujeitos de transformações.

Nossa oficina teria como um dos pontos principais estimular a capacidade crítica dos alunos através da apresentação de documentário, música e discussões em sala de aula sobre os sonhos de milhares de pessoas que são interrompidos devido à obrigação do trabalho uma verdadeira realidade da sociedade brasileira, outro objetivo foi de discutir as profissões almejadas pelos alunos, auxiliando-os nas localidades onde

são presentes os cursos Superiores ou técnicos, de forma que eles pudessem observar como uma oportunidade de crescimento.

Planejamento da oficina

A nossa oficina, que tinha como tema “Educação para mudar” foi composta por mim, Sanúbia Bezerril, Daniel de Oliveira e Maria Rosyane. Nossa equipe foi formada desde os primeiros momentos das aulas de estágio onde já se trabalhava na hipótese das oficinas voltadas para os alunos da zona rural.

A princípio, ficamos responsáveis por uma turma do fundamental 2, mas logo entendemos que nossa abordagem seria considerada mais apropriada para o ensino médio, cujos alunos se encontram em um período de questionamentos sobre o futuro.

O processo de planejamento da oficina era sempre em parceria, ideias e atividades sendo propostas e outras descartadas.

Concordamos que buscaríamos levar um novo olhar, uma mensagem de possibilidades para aqueles jovens, tentando questionar aquela visão focada apenas na busca por trabalho após o término do ensino médio, sem se quer ter a oportunidade de realizar um curso superior. Queríamos informar sobre as profissões.

Outro objetivo do grupo era buscar trabalhar com o cotidiano deles para dividir opiniões e debater a respeito da própria realidade de cada um.

Preparamos um roteiro do que seria abordado pela equipe, cada um ficou responsável por uma parte para trabalhar com os alunos nas discussões em sala. No entanto, o entrosamento foi tanto que acabamos a fugir das divisões feitas antecipadamente e começamos a interagir entre nós, o que foi bom, pois nos possibilitou interagir da mesma forma com os alunos.

Na data marcada, 23 de agosto, com ausência dos colegas de sala Manoel e Francinaldo, o restante da turma se deslocou até o Assentamento Maria Preta. Nos dividimos em 03 carros, e durante o caminho aproveitamos para registrar aquele momento. Pegamos o que havia de necessário e partimos para o Assentamento, chegando lá fomos bem recebidos pelo Diretor, e por toda a equipe de funcionários, que foram muito atenciosos e prestativos conosco. Debates algumas mudanças nos grupos, posteriormente almoçamos e fomos preparar a sala para recebermos os alunos e dar início a oficina.

A Escola Olivio Maroja, campo de estágio

A Escola Municipal de Ensino Fundamental e Medio Olivio Maroja, está localizada na Zona Rural do município de Araçagi, no Assentamento Maria Preta, na Comunidade Violeta a 18 KM de Araçagi.

A escola possui 08 salas de aula, 1 diretoria, 1 sala dos professores, 01 banheiro para professores e funcionários, 4 banheiros para alunos (apenas dois eu vi funcionando), 1 cantina – pequena, 1 sala de informática (não funciona), 1 dispensa, 1 almoxarifado.

O Diretor é o Professor Isaias, que fez Pedagogia na UEPB, que conta com uma equipe composta de 01 Diretor Adjunto, 15 Professores, 267 alunos, 4 vigilantes, 4 auxiliares de serviços gerais, 2 secretarias e um supervisor.

De maneira geral, aponto as seguintes observações:

- A escola encontra-se em estado razoável de conservação, estrutura um pouco danificada. Na medida em que a escola foi acolhendo o ensino médio e magistério, com o passar dos anos, o seu espaço também foi ampliado, mas não o suficiente.
- Algumas salas são amplas, outras pequenas para a quantidade de alunos matriculados. A falta de espaço é visível e o barulho que atrapalha uma sala conseqüentemente atrapalha as salas vizinhas.
- Os alunos não possuem livros didáticos, questão apontada pelo professor de Química Irinaldo, que participou de nossa oficina. Entendo que os professores devem possuir diversas habilidades para um bom aproveitamento da aula, já que na escola não possui qualquer recurso tecnológico.
- Percebemos as dificuldades enfrentadas por cada um, seja professor, diretor ou aluno para chegar ou para “permanecer”.
- Outro ponto para se destacar é a precariedade dos banheiros, não se sabe qual é o masculino ou feminino, as portas estão prejudicadas. Atividades de Educação Física, acredito, não são realizadas, pois a escola não possui quadra ou ginásio. Muitas carteiras quebradas.

- Com todas as informações repassadas e observadas sobre a escola, percebemos, além da falta de recursos tecnológicos, a inexistência de sala de leitura, salas arejadas, ajuda psicológica.

A hora da oficina

Antes de começar a oficina, conversamos um pouco com alguns alunos da turma do Ensino Médio, que nos contaram que os próprios professores tinham avisado sobre a nossa ida até o colégio, para ter uma aula diferente e por isso, muitos já tinham se produzido para o dia. Contaram da jornada que enfrentam para poder chegar à escola, mas entendemos que muitos moravam na própria comunidade, enquanto que os que moram longe costumam deixar de estudar na adolescência.

Ao iniciarmos a aula, fizemos uma breve apresentação do grupo, explicando o motivo da nossa ida até a comunidade, falamos que somos alunos do 4º ano do curso de História e que estávamos cumprindo uma das atividades da disciplina de ESO II, que seria a oficina. Tivemos as presenças dos professores Irinaldo (Química), Herbert (Matemática), Sayara (Espanhol) e Anielson de Física.

Primeiro, mostramos o documentário “Vida Maria”² para os alunos, e percebíamos a atenção deles no vídeo. Logo em seguida, perguntamos o que eles observaram no documentário e ficaram todos calados. Começamos a falar sobre a vida de Maria, a permanência de uma vida dura e sofrida e que aquela era uma condição de vida que passava de mãe para filha. Uma menina que estava sentada na frente associou os comentários a uma pessoa conhecida dela, e assim começaram as discussões sobre as

² O curta-metragem *Vida Maria* (2006) é uma produção cearense de Joelma Ramos e Marcio Ramos, que também foi o seu diretor, editor e roteirista. Feito em computação gráfica 3D, colorido e finalizado em 35mm, tem aproximadamente nove minutos de duração.

O filme se passa no sertão nordestino e retrata a vida de Maria José, uma menina de cinco anos a quem lhe é negado o direito de ter infância, tendo ela que deixar os estudos e trabalhar para ajudar a família. A história começa com a menina ajoelhada em uma cadeira, apoiando um caderno sobre o parapeito da janela, no qual está escrevendo. Em seguida sua mãe, Maria Aparecida, a impede de continuar fazendo aquela tarefa que lhe parecia tão prazerosa, obrigando-a a ajudá-la nos afazeres. Seguindo sua difícil trajetória a menina cresce, casa, tem vários filhos, executa sua rotina de múltiplas tarefas, envelhece e em meio a isso vai se tornando uma pessoa mais rude. O último de seus filhos é uma menina, a quem dá o nome de Maria de Lurdes. Ao final do filme, quando Maria José vê a filha escrevendo no caderno, vai ao seu encontro e repete para ela o que ouvira de sua mãe quando criança, que ela não deve perder tempo “desenhando o seu nome” e exige que a menina a ajude nas tarefas, perpetuando a sina das Marias da família. Na última cena, o vento sopra e folheia ao contrário o caderno no qual Maria de Lurdes escrevia e assim percebe-se que as personagens usavam o mesmo caderno ao longo da história, pois em cada velha folha que ressurge há um outro nome escrito, Maria de Lurdes, Maria José, Maria Aparecida, Maria de Fátima e Maria do Carmo, reforçando a ideia de que a história foi se repetindo ao longo do tempo. (In: MASIERO e SILVA; 2013)

mulheres, e como a sala era composta por uma maioria de mulheres, perguntamos se alguma delas desejaria um futuro diferente do que foi exposto no documentário e assim fomos escutando os relatos da realidade deles. Os professores começaram a interagir e também davam suas opiniões, e ainda ajudavam quando era necessário para conter a turma.

Também perguntamos sobre os sonhos de cada um. Logo em seguida, falamos sobre os cursos superiores e técnicos oferecidos gratuitamente na região ou na capital, mostrando que fazer um curso superior não é impossível como eles imaginam. Utilizamos o quadro e colocamos um mapa e marcamos a distância geográfica das cidades que oferecem os cursos para que eles pudessem ter uma noção das possibilidades de deslocamento. O que pretendíamos aconteceu, e as falas começaram a fluir. Os que gostavam de vaquejadas sonhavam em ser vaqueiros, gostavam de animais. Falamos sobre o curso de Veterinário em Areia. Algumas meninas disseram que queriam ser professoras, falamos que a Universidade Estadual de Guarabira oferece 4 cursos de licenciatura plena, e assim por diante. Perguntaram como se inscrever nesses cursos, falamos sobre os vestibulares e percebemos que esse processo não era muito claro para eles. Infelizmente, naquele período, as inscrições já haviam sido encerradas, e ficamos tristes por não termos podido ajudar mais, pois se aquele encontro tivesse sido realizado no primeiro semestre, teríamos nos mobilizado para ajuda-los de alguma forma.

Posteriormente distribuimos uma canção “Mais uma vez”, de Renato Russo.³ Escutamos duas vezes, cantando juntos. Perguntamos sobre a música, sobre o Legião Urbana, Renato Russo. Alguns conheciam bastante e gostavam, outros nada. Então, começamos a falar da letra e do que falava. Disseram que falava sobre acreditar em si mesmo, em um novo amanhã, em melhorar de vida. Começamos a discutir a esperança, sempre procurando saber sobre a intenção de cada um para o seu futuro.

³ Mais uma vez (Renato Russo)

Mas é claro que o sol vai voltar amanhã/ Mais uma vez, eu sei/Escuridão já vi pior, de endoidecer gente
sã/Espera que o sol já vem/Tem gente que está do mesmo lado que você/Mas deveria estar do lado de
lá/Tem gente que machuca os outros/Tem gente que não sabe amar/Tem gente enganando a gente
Veja a nossa vida como está/Mas eu sei que um dia a gente aprende/Se você quiser alguém em quem
confiar/Confie em si mesmo/Quem acredita sempre alcança!/Mas é claro que o sol vai voltar amanhã
Mais uma vez, eu sei/Escuridão já vi pior, de noitecer gente vã/Espera que o sol já vem/Nunca deixe que
lhe digam que não vale a pena/Acreditar no sonho que se tem/Ou que seus planos nunca vão dar certo
Ou que você nunca vai ser alguém/Tem gente que machuca os outros/Tem gente que não sabe amar
Mas eu sei que um dia a gente aprende/Se você quiser alguém em quem confiar/Confie em si mesmo
Quem acredita sempre alcança! (repete)

Nesse momento, o professor de matemática Anielson relatou momentos vividos por ele na época em que estava na faculdade, as dificuldades enfrentadas até a conclusão do curso. Ele nasceu em Araçagi, se disse filho daquela cidade, e se emocionou muito ao recordar esses momentos de superação. Todos ficaram emocionados, serviu de exemplo para os alunos o seu depoimento, e para nós, não tinha melhor forma de finalizarmos o bate-papo.

Realizamos uma última atividade: todos os alunos escreveram em pequeno papel, alguma frase, algum questionamento, podendo falar também sobre o que achou da oficina ministrada. Após a elaboração das frases, pregamos todas no mural montado por nós em uma das paredes da sala. Os alunos e professores fizeram as mensagens, tiramos muitas fotos.

Foi um dia repleto de coisas boas, uma troca de informações, é bom saber que de alguma forma nós ajudamos aqueles adolescentes, e tenho certeza que foi um momento marcante e inesquecível não só para os alunos mas para nós, como futuros profissionais da educação, tentando aproximar a realidade tão distante desses alunos com a universidade.

A oficina pode ser considerada uma ferramenta na sala de aula e para nós, a possibilidade de testarmos expressões, posturas, diálogos em sala de aula enfim, nos possibilita a experiência do respeito ao conhecimento prévio dos alunos, ao conhecimento de suas histórias e a partir daí, a execução de atividades que possam auxiliá-los a refletir sobre suas próprias realidades. Permite que um tema vá sendo construído no decorrer da aula.

2.2 - Fase da regência: aulas

Na fase da regência, os estagiários procuraram as escolas que facilitassem sua atividade, pois muitos trabalham e nem sempre os horários da escola batem com os nossos horários disponíveis. Mais uma vez, optei por uma escola básica na zona rural, a EMEF Sebastião Bezerra Bastos, localizada no Sítio Piripiri, Guarabira.

A escola campo de estágio de regência

A escola-campo escolhida para desenvolver o estágio foi a EMEF Sebastião Bezerra Bastos, localizada no Sítio Piripiri, na zona rural da cidade de Guarabira, onde já trabalhara ensinando jovens e adultos.

O colégio está sob nova direção e supervisão, que até o momento sofre uma rejeição considerável na comunidade, tinha receio sobre a aceitação da Diretora para com os meus estágios. Fui surpreendida com um “sim” e “fique a vontade”, mas mesmo assim estava me sentindo um pouco intrusa naquele ambiente. Talvez seja pela seriedade da diretora, mas logo essa impressão passou. A professora titular das turmas, sempre muito atenciosa e parceira, muito confiante apesar da pouca idade, é muito elogiada pelos outros professores por sua dedicação à escola.

Os estágios foram realizados em duas turmas distintas, o 6º e o 9º ano, foram ministradas 12 aulas ao todo. Alguns alunos interagiram na aula, achei isso muito proveitoso vejo que cada esforço para o conhecimento vale a pena, mas não posso deixar de citar as dificuldades que encontrei nas salas de aula.

No dia 27 de Agosto de 2013, visitei a escola, e conversei bastante com a diretora da escola, graduada em licenciatura plena em Pedagogia. As aulas começariam a partir de setembro, durante o recesso da universidade.

As informações gerais são as que seguem:

- A escola é composta de seis salas de aula, dois sanitários, uma cantina, uma sala para a direção da escola e um ginásio de esportes.
- A escola dispõe de 12 professores distribuídos nos períodos manhã e tarde na primeira e segunda fase do ensino fundamental; em sua maioria do sexo feminino, na faixa etária de 22 a 50 anos. Os professores possuem formação diversificada, alguns com graduação, especialização e mestrado.
- Ela conta também com 04 funcionários de apoio que cuidam da parte física e da segurança da escola.
- Não há um pedagogo nem supervisor. Quando necessário, é preciso recorrer ao pedagogo da Secretaria de Educação do município.
- Não há uma sala de professores. O corpo docente se reúne na sala da Direção, que já não é tão grande.

- Quanto ao corpo discente, neste ano letivo de 2013, a escola atende a aproximadamente 210 alunos nos dois turnos, oriundos em sua maioria de classe média baixa, faixa etária de 04 a 18 anos.
- A escola possui um método tradicional, mas alguns professores preferem a linha construtivista.
- Recursos disponíveis na escola: TV, DVD, mini system, brinquedos, jogos educativos, poucos livros didáticos.

Aulas ministradas

Dia 1, 23 de setembro/9º ano/ 3 aulas.

Antes de iniciarmos as aulas na turma do 6º ano, tive um primeiro contato com 03 dos alunos da turma durante minha chegada no colégio. Chegara mais cedo e haviam vários alunos do lado de fora da escola esperando a hora da entrada. Quando eles me viram chegar logo começaram a gritar pelo nome da auxiliar e diretora da escola, fiquei envergonhada e logo pedi para que eles parassem de gritar, pois da mesma forma que eles estavam esperando eu também estava.

Avistei 03 alunos sentados no chão com seus cadernos entre as pernas, e perguntei de qual turma eles faziam parte, e logo responderam que era do 6º ano, e ali sentei junto deles e perguntei o assunto que eles estavam estudando, eu já sabia que era Grécia Antiga e que partiriam para a Roma antiga, mas mesmo assim queria ouvir dos mesmos. Disseram que estavam preocupados com a prova que a professora iria passar, perguntei como era o método de avaliação da professora, e eles responderam que a maioria das provas aplicadas eram de marcar, mas sempre tinham duas ou três questões dissertativas.

Perguntei se era o primeiro ano deles matriculados no Colégio do Piripiri e eles afirmaram que sim, que anteriormente estudavam no colégio do “Escrivão”, localidade bem humilde onde eles residem, que fica próximo do Distrito do Piripiri. Um dos meninos perguntou para o outro se ele tinha ido para o roçado naquele dia, e ele afirmou que sim, me pareceu ser tão comum o trabalho na vida daquelas crianças de 11 e 12 anos, e refleti naquele momento sobre as dificuldades daqueles meninos e ao mesmo tempo a força de vontade de cada um de estar ali. O mesmo menino que disse ter ido

para o roçado, disse que acorda às três da manhã ou até antes para poder acompanhar os pais em seu trabalho diário.

Chegaram duas funcionárias, perguntando quem era, mas como já tinha ido anteriormente, fazer uma entrevista com a diretora, elas foram cordiais comigo.

Os alunos entraram no colégio de uma maneira tão rápida que parecia que não tinham cadeiras suficientes nas salas, entraram todos de uma só vez e os professores demoraram um pouco para chegar.

Ao entrar na sala do 9º ano, alguns alunos que estavam sentados no fundo da sala, permaneceram virados e conversando, pareciam que não estavam notando nossa presença na sala de aula. A professora de História chamou pelo nome de cada um e pediu que prestassem atenção no que ela estava falando, alguns viraram, outros permaneceram como estavam. A sala, bastante arejada, é constituída por cerca de 20 alunos, carteiras um pouco danificadas.

A professora fez uma breve apresentação minha, do porque da minha presença na sala de aula, disse que eu era aluna do Curso de História e que estava passando pela etapa de Estágio Supervisionado II da Universidade e, que escolhi a escola em que eles estudam para ministrar as aulas, sendo que iria dar continuidade aos assuntos que ela estava passando. A professora ficou presente na sala de aula o tempo todo, talvez porque estivesse pensando que eu não conseguiria controlar a euforia daqueles alunos. Foram 06 aulas ao todo nessa turma.

No início, confesso o nervosismo, apesar de toda preparação antecipada, na hora você esquece de tudo o que preparou, turma agitada. Então, respirei fundo e dei início as aulas, falei que ia dar continuidade ao assunto iniciado pela professora, sobre a “Era Vargas”. Perguntei aos alunos sobre o que eles recordavam sobre o tema, alguns ficaram calados, outros responderam sobre a aliança política do café com leite entre São Paulo e Minas Gerais (da República Velha), mas foi válido para iniciarmos.

Falei um pouco sobre a biografia de Getúlio Dorneles Vargas e sobre a Revolução de 1930, para eles poderem entender o fim da República Velha. Destaquei a ruptura entre São Paulo e Minas, falei sobre o golpe de estado ocorrido em 1930 que desencadeou a chegada de Getúlio ao poder, e os alunos ficaram intrigados com a questão do presidente assumir sem ter ganhado a eleição. De repente, a diretora entrou inesperadamente, chamou a atenção de quatro alunos que estavam conversando no fundo da sala, pedindo que eles se retirassem, pelo fato de não estarem devidamente fardados e daquela forma não poderiam permanecer na sala de aula.

Os alunos começaram a se justificar para a professora, fiquei incomodada com aquela situação, tentei amenizar pedindo que eles retornassem às suas casas e trocassem de roupa, já que moravam perto, até que saíram. Dei continuidade à aula, a turma já estava mais tranquila, a aluna Maria Juliene sempre fazia perguntas sobre os acontecimentos do período de Vargas, aluna participativa. Tentei fazer uma relação passado – presente com os alunos, sobre o assunto trabalhado, destacando um contexto atual através de um tema do passado. Perguntei aos alunos se os seus pais trabalhavam de carteira assinada alguns responderam que sim, outros que não, perguntei também se os pais deles tiravam férias alguma vez no ano e se trabalhavam mais de oito horas por dia, alguns responderam que sim outros que não. Como a maioria dos pais são agricultores e pedreiros, essa realidade ainda encontra-se distante, eles trabalham muito mais do que oito horas por dia e suas férias são sempre adiadas por necessidade. Falei sobre férias, sobre aposentadoria e também sobre carga horária de trabalho, relatando a implantação desses benefícios no Governo de Vargas.

Expliquei que Vargas era reconhecido como político popular e muitas vezes é comparado com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, tendo eles se se identificado com as classes trabalhadoras. Os alunos não possuem livros didáticos para possíveis encaminhamentos posteriores à aula. Discuti com os alunos a questão do segundo mandato e criação do estado Novo e a conjuntura de ditadura e repressões, para eles uma novidade. Então, tentei trazer para o cotidiano de cada um aquela realidade de não poder ter direito a se expressar da forma que queria. Perguntei aos alunos se eles conseguiriam ficar sem falar o que pensassem, se eles conseguiram ficar sem discordar de algo que eles acreditam estar errado, e eles falaram que não conseguiriam, então afirmei que realmente é complicado, e foi essa uma das características da Ditadura Militar: o exílio e as prisões. Então eles me perguntaram o que era exílio, e se essas pessoas que falavam mal do Presidente eram mortas. Falei que exilar era deportar um indivíduo, ou se auto deportar para outro país, longe de seus familiares. Falei sobre o DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda, elemento responsável para fiscalizar os jornais, revistas, o rádio algum veículo de comunicação que pudesse afetar de alguma forma o Governo. Para ficar mais claro para eles as características mais marcantes do período de Vargas no poder, entreguei um breve resumo dos conteúdos da aula.

Pedi que eles observassem ao máximo fragmentos para a atividade que seria realizada no final da aula. Muitos iniciaram a leitura, a participação sempre era mais das

meninas. Próximo ao término da aula, os alunos já ficaram mais agitados, pois os colegas das salas vizinhas ficavam na porta fazendo barulho e atrapalhando a aula. Fiz algumas perguntas sobre o assunto debatido em sala, apaguei tudo o que estava no quadro, pedi que guardassem o pequeno texto que forneci, e pedi que me dissessem alguma característica do Governo Vargas. Para minha surpresa eles falaram mais de uma característica. Perguntei o significado da sigla DIP, e eles lembravam que os jornalistas não podiam escrever o que pensavam, mas da sigla em si só lembravam do nome “propaganda”, mas já achei uma grande coisa.

Encerramos o nosso primeiro contato, a professora fez a chamada e fomos ao intervalo.

Dia 23 de setembro, 6º ano, 2 aulas

Após o intervalo, iniciei a aula no 6ª ano, com uma breve apresentação, a professora me apresentou como concluinte do curso de História e como professora. A turma encontrava-se agitada após o intervalo, a maioria dos alunos tinha a faixa etária entre 11 a 14 anos. Apesar de a turma possuir uma considerável quantidade de alunos, e ser taxada como a “pior” turma do colégio, percebi que muitos daqueles alunos necessitavam de atenção, me perguntei sobre como seria o apoio dos pais na frequência à escola, e ainda, que a merenda oferecida no intervalo é muitas vezes mais importante do que o próprio estudo. Apesar do meu intuito naquele momento não ser de observar, mas de colocar em prática a aula, não me contive a reparar os acontecimentos isolados que envolviam o estágio.

Iniciei as discussões dado continuidade sobre um assunto já iniciado pela professora em outro momento, mas a aula era de grande relevância para os alunos, pois as provas seriam aplicadas em breve e os alunos aparentavam estar um pouco inseguros com o assunto. A própria professora me indicou a tratar desse assunto em sala de aula e que eu ficasse à vontade para qualquer mudança. Achei boa a disposição dela de me auxiliar, e aos próprios alunos nos assuntos, como uma espécie de revisão sobre formação da Grécia Antiga e sua expansão.

Me ocupei inicialmente com os conhecimentos adquiridos por eles sobre o assunto, e o que eles entendiam ou lembravam por Grécia Antiga, e logo responderam sobre Atenas e Esparta, as principais cidades –estado. Perguntei a diferença entre as duas cidades, e no primeiro momentos eles permaneceram silenciados. Então copieei na

louça um trecho da canção de Chico Buarque e Augusto Boal chamada Mulheres de Atenas⁴

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres de Atenas/Sofrem por seus maridos, poder e força de Atenas/ Quando eles embarcam, soldados/ Elas tecem longos bordados/ Mil quarentenas (...) /Elas não têm gosto ou vontade/ Nem defeito nem qualidade/ Tem medo apenas (...).

Li juntamente com eles o trecho da música, o meu objetivo era fazer com que eles refletissem sobre a condição e as características de Esparta e Atenas. Eles recordaram sobre as guerras que envolviam os espartanos, e que as crianças eram educadas a serem sempre soldados e a lutar. Diferentemente de Esparta, que focava na guerra, Atenas valorizava a educação de seu povo. Isso fez com que a cidade tenha se transformado no centro cultural e intelectual do Ocidente. É em Atenas que surge a filosofia e a democracia, mas as mulheres atenienses tinham menos liberdade. Casavam-se muito jovens entre 15 e 18 anos, conforme a escolha dos pais. Após o casamento, tinham de prestar obediência ao marido.

Falei sobre algumas características herdadas destas duas sociedades: o militarismo, a democracia, o lugar da mulher. Então propus uma atividade para os alunos, que eles descrevessem o papel da mulher na sociedade de Espartas e Atenas e que eles relatassem os principais pontos que envolviam os deveres, interesses e objetivos das duas cidade-estado.

Encerramos as aulas e pedi que eles trouxessem as atividades na próxima aula, sem falta.

Dia 2, 26 de setembro, 9º ano, 3 aulas

Começamos a aula. Cumprimentei a turma, que estava calma. Carteiras organizadas, os alunos comportados, as provas se aproximando e a professora me informou que não iria ser tão fácil, pois alguns alunos estavam precisando de boas notas para o último bimestre para poder se recuperar. A professora é bastante exigente e não mede esforços para contribuir com o sucesso daqueles alunos, mas é perceptível que a realidade de alguns é levar a educação como uma brincadeira.

4 Composição de Chico Buarque e Augusto Boal, escrita para a peça "Lisa, a mulher libertadora", de Boal. Segundo o blog Valiteratura, os autores "remetem a uma referência histórica de um momento da humanidade que data de cinco séculos antes de Cristo e valem-se da ideologia em "Odisséia" para chamar a atenção das mulheres que ainda "vivem" e "secam" por seus maridos ao estilo ateniense." (In: <http://valiteratura.blogspot.com.br/2011/02/mulheres-de-atenas-chico-buarque-e.html>, com acesso em janeiro de 2013)

Continuamos a falar sobre a “Era Vargas” para finalizar a atividade proposta na aula anterior, que foi uma leitura de um pequeno texto sobre o assunto trabalhado em sala. Perguntei quem tinha feito a leitura do texto, as meninas que sentam na frente responderam que leram, apenas dois meninos responderam que sim, perguntei do que eles recordavam da última aula, falei que era importante para eles a leitura do texto, pois facilitaria na prova aplicada pela professora. Coloquei alguns tópicos na lousa, eles copiaram e concluímos com uma aula sobre o que foi lido, tirando as dúvidas dos alunos, sem nenhuma interferência, nem positiva, como perguntas sobre o tema, nem negativa, como uma provocação ou interrupção.

Iniciamos outro assunto relacionado com a prova que viria a ser aplicada pela professora Titular da turma, Jackeline, ela então nos orientou a seguir esse cronograma: a escravidão na Antiguidade. Comparamos o sistema de trabalho ao longo da Idade Média com a que foi praticada no continente Africano. Fiz um relato sobre as relações servis e as relações escravistas, expondo também suas distinções, que para muitos alunos eram semelhantes às condições de vida e tratamento. Estabelecendo um diálogo sobre a escravidão na antiguidade e suas particularidades, fiz uma contextualização sobre os dois períodos de escravidão. Os alunos questionaram e se surpreenderam com a presença de escravos brancos, para eles foi uma novidade, escravos brancos, para eles só existiam escravos negros. Em seguida perguntei sobre o conhecimento que eles tinham sobre escravidão atual no Brasil. O interessante foi ter a atenção dos alunos do início ao fim, sempre fazendo uma relação passado – presente. Foi boa a experiência com essa turma, percebi as distinções presentes em cada aluno, cada um com suas dificuldades, outros com facilidade de aprendizado.

No 6º ano, 02 aulas.

O tema era Roma. Levei para sala de aula um mapa, retirado de um livro didático e ampliado, para poder explicar a localização geográfica de Roma, posteriormente expliquei para os alunos o Mito da fundação de Roma, a história de Rômulo e Remo, que foram abandonados, criados por uma loba e posteriormente, se enfrentaram, tendo Rômulo matado o irmão e se tornado o rei do território de Roma. Os meninos ficaram curiosos e por um momento eu observei uma atenção maior da parte deles. Coloquei na lousa e expliquei rapidamente as 3 fases de governo romano:

Monarquia, República e Império, e pedi para que os alunos transcrevessem para o caderno as anotações.

Então partimos para a divisão social que seria o tema principal de nossa aula, e desenhei na lousa uma pirâmide, destacando a condição dos patrícios, plebeus, clientes e escravos e expliquei que no topo estavam os que tinham uma condição mais favorável até chegar a sua base onde se encontravam os mais pobres.

Falei sobre cada divisão, as diferenças existentes entre os que tinham cargos importantes e, os que viviam como prisioneiros. Associei o assunto ao termo usado cotidianamente que são as “patricinhas” essa palavra costuma ser atribuída a pessoas que possuem uma posição privilegiada e exibem acessórios e bens de valores altos e, comentei que da mesma forma acontecia com os patrícios que detinham grandes propriedades de terras. Perguntei a turma se os plebeus e os escravos tinham os mesmos direitos que os patrícios, e logo fiz um contraponto com o dia-a-dia dos alunos, indagando-os se os mesmos presenciavam alguma diferença social nos dias de hoje e quais, logo responderam que sim, mas a turma se esquivou a responder. E foi aí que eu perguntei ao aluno com quem tinha conversado no portão da escola, de onde vinha o sustento de sua casa, e ele imediatamente respondeu que advinha do trabalho dos seus pais. Comentei que os pais dele dependiam do trabalho da agricultura, do esforço do dia-a-dia e que tudo o que eles plantavam e colhiam uma boa parte eles forneciam para alguém e esse alguém conseqüentemente revendia por outro valor e ganhava mais dinheiro em cima do trabalho dos seus pais. Sendo assim existe em todos os lugares diferenças sociais.

Encerrando nossa aula pedi que eles trouxessem na próxima aula algum material que representassem diferenças sociais, fosse de revistas ou jornais ou até mesmo de algum livro antigo.

Assim concluí mais uma aula. A turma no início foi bem complicada para acalmar, mas tentei ao máximo estabelecer uma aproximação com alunos e vi que isso fazia com que prestassem mais atenção a mim.

Dia 3, 6º ano, 30 de setembro

Ao iniciarmos a aula, perguntei se haviam trazido o que fora pedido na última aula. Cerca de 06 alunos trouxeram gravuras com imagens que retratavam as diferenças sociais, discutidas na última aula. Expliquei posteriormente que no Brasil a questão da posição social não é um critério para definir o exercício a cidadania. Embora algumas atitudes da polícia e da Justiça do Brasil muitas vezes pareçam punir apenas os pobres e favorecer os ricos, a Constituição Brasileira define todos os cidadãos como iguais em direitos e obrigações. Percebi que os alunos entendiam o propósito da aula, e associavam que diferenças sociais existiram na época antiga e na atual, configurando uma permanência histórica.

Neste nosso último encontro, focamos o Feudalismo como ponto principal da nossa abordagem na aula, Ficou ao meu critério seguir com assunto do Feudalismo, fazendo uma pequena introdução do assunto discutido posteriormente pela professora, pois ficou acordado que ela iniciaria o assunto sobre o Mundo Medieval nas próximas aulas. Fizemos um pequeno esboço sobre o Feudalismo, explanamos a relação servo com senhor feudal, a relação do catolicismo com a servidão, estabelecendo as diferenças de cada grupo social, expondo as características do trabalho servil, a importância da terra, autoridade do clero. Questionamos se a Igreja Católica, ainda permanece com esse poder, autoridade e influencia, e ainda, se a terra, que era considerada um bem valioso, fonte de riqueza na época, nos dias atuais, ainda tem importância. Abrimos uma discussão, e percebi que os alunos demonstravam-se interessados e atentos a aula. O intuito era repassar o assunto sem cobrar muita participação.

Como as últimas aulas eram sempre no 6º ano, era freqüente a necessidade de se encerrar mais cedo as atividades, os alunos das salas vizinhas, faziam questão de ficarem passeando e atrapalhando o desenvolvimento das aulas, mas mesmo assim sempre ficávamos até o termino dos horários. A aula chegou ao seu termino e foi considerada como proveitosa e satisfatória por mim.

É importante ressaltar que o trabalho do professor é o de mediador, o que estabelece uma apropriação muito grande de conteúdo, pois ele tem de estar disposto e preparado para estar relacionando a fala do aluno com o tema abordado. Para Garrido (2002, p.46), o papel mediador do professor ainda:

[...] aproxima, cria pontes, coloca andaimes, estabelece analogias, semelhanças ou diferenças entre cultura “espontânea e informal do aluno”, de um lado, e as teorias e as linguagens formalizadas da cultura elaborada, de outro favorecendo o processo interior de ressignificação e retificação conceitual..

O processo de estágio supervisionado foi gratificante e me garantiu adquirir mais experiência e perceber a capacidade de assumir a responsabilidade de ser professor e poder ter a pretensão de mudar a realidade, ainda considerada deficitária no âmbito educacional.

Momentos marcantes e inesquecíveis que levarei por toda a minha trajetória profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo visto tudo o que foi observado nas aulas de História podemos afirmar que a disciplina Estágio Supervisionado é muito proveitosa no curso de Licenciatura, tendo observado nessa fase, como estagiária, como é a interação entre professores e alunos.

Posso afirmar que foi uma experiência incrível a minha participação na sala de aula nos dois momentos, tanto da oficina quanta na regência. A oficina foi planejada e colocada em prática com muito carinho, e tivemos um reconhecimento do nosso esforço. Nós levamos nosso conhecimento, algo que poderia acrescentar na vida daqueles alunos, sempre com a finalidade de introduzir na sala de aula uma interação entre professor e aluno, acrescentando também para nossas vidas um pouco daquela realidade que presenciamos.

Neste período estagiando como professora de História pude perceber as dificuldades enfrentadas pelos professores da rede pública de ensino com relação à falta de recursos, a estrutura das salas, as condições física da escola, a falta de material, e penso que o professor deve estar preparado para toda e qualquer situação em sala de aula, pois não é fácil o que encontramos pela frente.

O escritor Celso Vasconcelos em seu livro “Planejamento” diz que precisamos tomar consciência de que nosso trabalho é dos mais intrincados do ser humano, trata-se da formação da consciência, do caráter e da cidadania, ao mesmo tempo de 20, 30, 40 pessoas.

A tarefa de educar além de ser importante é abrangente. Apesar de muito desinteresse e falta de atenção por parte de muitos, muitos outros demonstravam interesse em aprender, tiravam dúvidas, questionavam e copiavam em seus cadernos todas as anotações feitas na lousa. Isso é gratificante para mim como professora, em meio a tantas dificuldades de certa forma ainda existe o interesse do aluno em aprender.

O ensino hoje é uma busca constante de troca de valores, onde os alunos e os professores devem estar conectados uns com os outros para fluírem e conquistar o conhecimento.

Fiquei satisfeita em ver que todo esforço por uma educação melhor vale sempre a pena. O estágio é um momento marcante e imprescindível para a formação de um professor, pois é aí que o estagiário pode questionar sua própria conduta, seus

próprios métodos de avaliações, sua postura em sala de aula, e aprender sobre o processo de ensino e aprendizagem.

Como afirma Libâneo (1994, p.250), o professor não apenas transmite uma informação ou faz perguntas, mas também ouve os alunos. Deve dar-lhes atenção e cuidar para que aprendam a expressar-se a expor opiniões e dar respostas. O trabalho docente nunca é unidirecional, as respostas e opiniões dos alunos mostram como eles estão reagindo à atuação do professor, as dificuldades que encontram na assimilação dos conhecimentos.

Em todos os encontros e momentos em sala de aula, foi uma emoção diferente e avalio essa experiência como um passo decisivo na vida de um conculinte e profissional da área de educação, pois é uma etapa decisiva, onde se esta finalizando o curso e é imprescindível o contato entre professor e aluno, e é neste momento em que ocorre uma reflexão da trajetória dos 4 anos de curso.

A oportunidade de poder ministrar a oficina juntamente com colegas de turma foi fascinante um aprendizado para uma vida inteira. Particularmente acredito em um futuro melhor a partir de uma educação de qualidade.

Penso se tudo que aprendi, colocarei em pratica, se repassarei os conteúdos de uma forma diferenciada com métodos e praticas inovadoras. Acredito que adaptações são necessárias e que o professor tem capacidade de repensar e modificar e aperfeiçoar seus métodos de ensino a partir do momento em que ele achar necessário, de forma em que acrescente positivamente o decorrer das aulas. Tomara que dê tudo certo.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe M. **Ensino de História** : Fundamentos e Métodos: Cortez, 2004 .

CAIMI, Flavia Heloisa “Porque os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre o ensino, aprendizagem e formação de professores de História” Revista Tempo, nº 21, 2007.

GIL NETO, Antonio (org). **A memória brinca**. Uma criança de historias do ensino municipal paulistano. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Sinesp, 2008.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MASIERO, Claudia G.; SILVA, Cristina E.. HERANÇA CULTURAL E LINGUAGEM EM “VIDA MARIA”. In: Anais do 9º Encontro Nacional da História da Mídia, UFOP: Ouro Preto, 30 de maio- 1 de junho, 2013. Disponível em <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/heranca-cultural-e-linguagem-em-201cvida-maria201d>, com acesso em janeiro de 2014.

PILETTI, Nelson; ARRUDA, José Jobson de- Toda a História – História Geral e do Brasil, São Paulo – Editora Ática, **ANO**

VASCONCELOS, Celso dos Santos 1956 – Planejamento: Projeto de ensino – aprendizagem e projeto político – pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização.